

**PEDRO LYRA - “NAS NOSSAS DIFERENÇAS”
(SONETO DE CONFRONTAÇÃO-II)**

Prof^ª. Ma. Clesiane Bindaco Benevenuti ⁱ

Resumo

Grande parte dos escritores atuais, que utilizam apenas o computador para suas criações e postagens, abre mão de registros importantíssimos, que facilitariam o trabalho do crítico e tornariam seus textos mais acessíveis ao público, os manuscritos. O material do Soneto de Confrontação “Nas nossas diferenças”, fornecido pelo autor, reúne 15 documentos, que devem ser considerados pelo crítico geneticista em sua análise. Este trabalho surgiu a partir de anos de experiência como poeta, ensaísta e crítico literário de Pedro Lyra, que guardava em seu gabinete todos os manuscritos de seus sonetos, com suas respectivas datas e locais, iniciados em folhas finas, grossas, cartelas de bingo, bilhetes de passagem, guardanapos, suporte de chope, jornais, folhas timbradas de faculdades ou hotéis pelos quais passou ou, por consequência do destino – muito bem-vinda por sinal – “caíram” em suas mãos, proporcionando, assim, novos escritos, novos sonetos que, futuramente, tornar-se-iam livros reconhecidos e valorizados pela crítica. O Poeta é visto como um dos maiores da atualidade, com palavras profundas e diversificadas para tratar de assuntos variados, do amor à política, do histórico ao filosófico, do cotidiano a Deus. Neste trabalho, o enfoque principal será a propriedade das palavras, a idealização da mulher-musa e o fato amoroso, do qual é possível inferir a presença não apenas de três, mas de cinco personagens distintas que cercam o universo do indivíduo-poeta e do poeta-indivíduo.

Palavras-chave: Gênese; Crítica; Pedro Lyra; Poeta; Soneto.

**PEDRO LYRA - “IN OUR DIFFERENCES”
(CONFRONTATION SONNET – II)**

Abstract

Most current writers, who use only the computer for their creations and posts, give up very important records that would facilitate the work of the critic and make their texts more accessible to the public, the manuscripts. The material of the Confrontation Sonnet "In our differences", provided by the author, brings together 15 documents, which must be considered by the critical geneticist in his analysis. This work emerged from years of experience as a poet, essayist and literary critic of Pedro Lyra, who kept in his office all the manuscripts of his sonnets, with their respective dates and places, begun in thin and thick sheets, bingo cards, tickets, napkins, beer holders, newspapers, letterheads from colleges or hotels where he had been to or, as a result of the fate - very welcome, by the way - "fell" in his hands, thus providing new writings, new sonnets that, in the future, would become books recognized and valued by the critics. The Poet is seen as one of the greatest of today, with deep and diversified words to deal with varied subjects, from love to politics, from historical to philosophical, from daily life to God. In this work, the main focus will be the ownership of words, the idealization of the muse-woman and the fact of love, from which it is possible to infer the presence not only of three but of five distinct characters that surround the universe of individual-poet and poet-individual.

Keywords: Genesis; Review; Pedro Lyra; Poet; Sonnet.

ⁱ Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense “Darcy Ribeiro” – UENF. clesiane@gmail.com

1 – Introdução

O presente trabalho traz experiências vivenciadas ao longo da vida do poeta, ensaísta e crítico literário de Pedro Lyra, que sempre escreveu e fez questão de guardar todos os manuscritos de seus poemas em lugares inusitados, registrados, primeiramente, em folhas finas, grossas, cartelas de bingo, bilhetes de passagem de ônibus, guardanapos, suporte de chope, jornais, folhas timbradas de faculdades ou hotéis, entre outros, nunca em um papel definitivo, o que oportunizou a continuidade de seus escritos, que se tornaram livros reconhecidos e valorizados por grandes críticos literários.

Em “Soneto de Confrontação II – Nas Nossas Diferenças”, a palavra, sua propriedade, será priorizada, assim como a idealização da mulher-musa e o fato amoroso. Desses fatores é possível identificar a presença de cinco personagens distintas que criam o universo do indivíduo-poeta e do poeta-indivíduo.

A Crítica Genética não é uma modalidade muito praticada. Ainda hoje não temos registros significativos em nossas faculdades de Letras, o que é justificável pela falta de acesso do crítico aos manuscritos do escritor.

Como aluna e orientanda (2015 a 2017 – até o dia de seu falecimento) do Professor Pedro Lyra, sinto-me feliz e realizada em fazer parte deste trabalho e do grupo de críticas geneticistas. Sei que todos só temos a crescer com tudo isso. É uma honra poder participar deste projeto, fazer esta crítica, inédita também para mim. Admito, nunca analisei um texto dessa forma! O processo de criação é muito mais complexo, mesmo que o soneto seja feito em apenas “10 minutos” ou após “dez cervejas” ou sob um frio de 2 graus (anotações do poeta em outros manuscritos), em relação ao que eu imaginava/pensava como processo de criação.

Fui surpreendida ao ser presenteada para fazer a análise crítica do belo soneto “Nas nossas diferenças”, no dia 21 de outubro de 2015, às 21h19min, e gravar o diálogo com o poeta para futura publicação e divulgação de “nossa” literatura nas redes sociais.

Ao finalizar a primeira leitura do soneto, em postagem no Facebook, escrevi a seguinte palavra ao poeta: “Nosssssaaaaaaaaaaaaaa!”. Ele, como sempre criativo e brincalhão, devolveu a minha exclamação na mesma hora: “Nossoooooooooooooooooo!”. Várias ideias começam a surgir: plano concreto, plano abstrato, homem e mulher, macho e fêmea, musa e poeta, Princípio do Prazer, Princípio da Realidade, Psicanálise, Freud, Lacan, Linguagem. Até organizar os pensamentos, respondi: “Farei a análise com muita atenção e dedicação. Obrigada pela oportunidade e por compartilhar suas riquezas comigo”. A literatura não tem preço!

2 – Desenvolvimento

1 – Os Documentos do Processo

Grande parte dos escritores atuais, que utilizam apenas o computador para suas criações e postagens, abre mão de registros importantíssimos, que facilitariam o trabalho do crítico e tornariam seus textos mais acessíveis ao público, os manuscritos.

O material do Soneto de Confrontação “Nas nossas diferenças”, fornecido pelo autor, reúne 15 documentos, que devem ser considerados pelo crítico geneticista em sua análise; sendo:

- 1 de manuscritos, compreendendo as duas primeiras redações;
- 2 de ampliações das duas redações;ⁱ
- 2 de suas transcrições;
- 2 de digitações retocadas e com diversas emendas;
- 1 de depuração da última digitação;
- 7 de publicações, sendo 2 de impressos e 5 online,

Vou designá-los pelas codificações entre parênteses na relação abaixo. São eles:

M-1 e M-2: – As duas primeiras redações do soneto, com 5 particularidades:

1^a) Foram escritas num pequeno pedaço de papel (1/4 de uma folha A-4), separadas por um traço de ponta a ponta;

2^a) No alto à direita da 1^a, dentro de um retângulo aberto à direita e em cima, o local e a data: “MARACANÃ, / 30-6-96”; e um jogo: “FLA x VASCO”;

3^a) Na 2^a, o número em romano “II”, também no alto à direita;

4^a) O tamanho reduzido do papel obrigou o poeta a uma letra microscópica e ilegível (em alguma palavra, até para ele mesmo), mas devia ser o único que ele tinha nos bolsos naquela tarde no Maracanã para assistir a um jogo do seu Flamengo;ⁱ

5^a) Está escrito só na frente, pois o soneto ficou praticamente pronto na 2^a redação, que pela letra deve ter sido muito rápida.

2) **M-1a:** – Reprodução ampliada de M-1. Numa visão ligeira, parece uma escrita mais em árabe do que no nosso alfabeto.

3) **T-1:** – A transcrição de M-1.

4) **M-2a** – Reprodução ampliada de M-2. Um pouco mais legível que M-1, por ser uma cópia, mais lenta, não mais uma criação.

5) **T-2:** – A transcrição de M-2.

6) **D-1** – Digitação de T-2, com 4 particularidades:

1^a) Tem o título inicial de “SONETO DE CON[S]TATAÇÃO” (sem a letra “s”);

2^a) Está rasurada a primeira sílaba “TA” pela introdução da sílaba “FRON”, passando portanto a “CONFRONTAÇÃO”, pois se trata de um soneto dialogado entre o poeta e a musa, não a amante;

3^a) No alto à direita, o romano “III”, indicando uma 3^a redação;

4^a) A data de “1-7-96”, dia seguinte ao jogo e ao início da redação.

ⁱ Por causa da letra microscópica e ilegível, fiz as ampliações para tentar facilitar a leitura e a conferência, o que não ajudou muito, e foram incluídas no número de documentos mesmo sendo repetições.

ⁱ Flamengo e Vasco empataram (0x0), pela 2^a fase do Campeonato Carioca de 1996. O Flamengo foi o campeão numa final também contra o Vasco e também 0x0. Pesquisa pelo Google.

- 7) **D-2:** – Digitação retocada de D-1, já com o título de “SONETO DE CONFRONTAÇÃO”, com o romano “XXI”, reduzido acima para “VI”, depois “5”, por fim “1”, envolto num círculo.
- 8) **D-3:** – Digitação depurada de D-2.
- 9) **P-1:** – A 1ª publicação, na 2ª edição de *Desafio – Uma poética do amor*, com o título de “Soneto de confrontação-I”, em “Clivagem”, 3ª parte do livro (p. 121), em 2001.
- 10) **P-2:** – A 2ª publicação, na 3ª edição de *Desafio*, em 2002 (id.).
- 11) **P-3:** – A 3ª publicação, no YouTube, filmado do recital “O Poeta entre a Musa e a Amante”, no programa do “Corujão da Poesia”, realizado em Niterói em 2009, contracenando com Maria Elisa Reis.
- 12) **P-4:** – A 4ª publicação, na página do autor no Facebook, álbum “*Desafio – Crítica Genética*”, com o mesmo título mas com o romano “II” e o subtítulo de “Nas nossas diferenças”, em 2015.
- 13) **P-5:** – A 5ª publicação, também na página do autor no Facebook, álbum de “Vídeos”, gravação do autor do soneto em diálogo com a autora desta análise, em 2016. Na data da conclusão, contava mais de 500 visualizações.
- 14) **P-6:** – A 6ª publicação, no YouTube, canal “Sonetos Lyranos”, aberto e denominado com este neologismo pela professora Ingrid Ribeiro e administrado também por mim e pela professora Eleonora Campos, coorganizadoras deste livro, para publicação em vídeo de todos os sonetos de *Desafio*. Postado pela autora em fevereiro de 2016, no dia da conclusão deste ensaio.
- 15) **P-7:** – A 7ª publicação, no canal “Sonetos Lyranos”, em 2016. Gravado com Mariana Mota, em março de 2013, em Fortaleza.ⁱ

Para comprovação, apresento em anexo cópias de M-1 e M-2, no tamanho original, juntas, e ampliadas em separado, e de T-1 e T-2, e D-1 e D-2.

2 – O Soneto Foi O Campeão

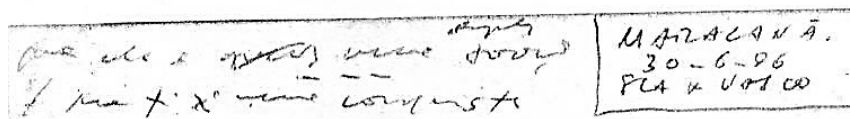
Após o relato da gênese do trabalho e a descrição dos documentos do processo, nossa ênfase será em “Nas nossas diferenças” – Soneto de Confrontação-II. É o 2º da série dos diálogos do poeta com a musa ou com a amante. Com a Musa são sempre falas de aconselhamento, orientação, tornando-se ela a voz da Sabedoria, a quem o poeta sempre recorre, porque nela encontra as palavras que deseja ouvir. A musa, ao se tornar a voz da Sabedoria, adquire total domínio e influência sobre o poeta que a vê como conselheira em todos os momentos. Também é o 19º de “Clivagem”, 3ª parte de *Desafio*, na próxima edição, a ser lançada em breve.

Até o presente momento, fiz apenas elogios e mais elogios ao poeta Pedro Lyra. Mas, infelizmente, descobri – em uma de nossas muitas conversas – o maior defeito que um homem pode ter. Para piorar ainda mais a situação, minha descoberta foi feita no momento da entrega do manuscrito: uma mistura de emoção com decepção. A vida é mesmo feita de surpresas. Continuarei o raciocínio mais à frente, pretendo manter o segredo o máximo possível para evitar surpresas desagradáveis.

O soneto em estudo foi escrito no Maracanã em 30 de junho de 1996. Maracanã? Sim,

ⁱ Sinal dos tempos: é um soneto do autor que tem mais publicações eletrônicas (5) do que impressas (2).

Maracanã, estádio de futebol, como vimos na descrição dos documentos do processo:



Como entender isso? O que leva um poeta a escrever um soneto num estádio de futebol? A imaginação não pede licença, ou você embarca no momento ou ela vai embora. Perguntei ao poeta se ele tinha mudado o meu soneto e se eu falaria, agora, de futebol, que não é o meu “forte”, não gosto de futebol.

Sorrindo, ele respondeu: “Não! O soneto é o mesmo”. Não entendi a relação entre o futebol e o soneto “Nas nossas diferenças”. Pedro contou-me que sempre anda com um pequeno pedaço de papel ou folha A4 no bolso e, em seguida, entregou-me o manuscrito. Ao abrir, no canto superior direito da folha, com uma letra minúscula ilegível, só consegui ler o que estava isolado do texto, em maiúsculas: MARACANÃ / 30-06-96 / FLA X VASCO. Não é possível! Flamenguista, Pedro? Tanto time para você torcer e você torce logo para o Flamengo? Não existe defeito maior para um homem. Enfim, a criação superou a decepção.

Ao chegar ao Maracanã às 15h para assistir também à preliminar que antecedia a todos os jogos, foi surpreendido com a notícia de que não haveria, especialmente naquele dia, uma preliminar, e o jogo seria às 17h. Duas horas parado, o que fazer? O poeta não perde tempo. Qualquer segundo parado é uma oportunidade para escrever. Retirou sua folha A4 do bolso, na verdade $\frac{1}{4}$ da folha – um pequeno pedaço – e escreveu um soneto com a maior naturalidade (como ir até a cozinha e encher um copo com água para saciar a sede), com uma letra minúscula e ilegível, para saciar os desejos da alma que se liberta por meio da palavra. Por que não utilizar a folha toda em vez de $\frac{1}{4}$? – perguntei. “No momento eu só tinha aquele pedaço. Se a letra fosse grande, precisaria de mais papel, onde arrumaria depois?!” Realmente o $\frac{1}{4}$ da folha foi todo utilizado e o soneto criado. O Flamengo? Empatou com o Vasco, 0x0. Mas nós ganhamos, Pedro, um soneto novo. Ele sim foi o grande vencedor do dia. Essa é a nossa vitória.

O soneto foi publicado pela 1ª vez na 2ª edição de *Desafio*, em 2001. Ao contrário de muitos outros, conta com apenas esta publicação, reproduzida na 3ª edição, em 2002, e na página do autor no Facebook, em 2015, com direito ao soneto gravado em vídeo por mim mesma, num diálogo entre poeta e musa, com mais de 500 visualizações na data deste texto.¹

Uma pergunta que desejo fazer desde o momento em que iniciei o relato sobre o soneto propriamente dito é: levando-se em conta a complexidade da análise, a sutileza das palavras, a

¹ Sobre essa instantânea receptividade, o poeta comentou: “Nenhum poema é lido hoje em livro por tanta gente ao mesmo tempo. Só na Net. Poderia ter uma receptividade bem maior na tevê, mas a tevê continua com medo da poesia”.

mistura de realidades, por que “Nas nossas diferenças” não entrou na antologia *Visão do Ser* (1998), nem nos *50 Poemas escolhidos* (2005)? Seria ele menos significativo que os outros? Não sou capaz de responder a esses questionamentos, somente o poeta. O que posso dizer é que, com certeza, ele não foi esquecido por mim. Depois dessas considerações, acho que Lyra também não se esquecerá mais e procurará responder aos meus questionamentos.

Vimos que o processo de criação de sonetos não é nada fácil, principalmente quando há inovações e rompimentos com o modelo tradicional. Na cabeça do leitor, escrever é um dom e por isso é fácil para o poeta. Pura ilusão. O texto, depois de escrito (sua primeira versão), não sai pronto e perfeito para ser publicado. É preciso levar em consideração o processo de criação e as alterações e emendas que foram e que ainda serão feitas muitas vezes após a finalização do primeiro manuscrito e até mesmo depois da primeira publicação.

Hoje, com o avanço da tecnologia, o manuscrito tornou-se privilégio de poucos e com valor inestimável. As novas gerações preferem digitar seus textos diretamente no computador, o que – a meu ver – faz com que o mistério de um soneto escrito em uma cartela de bingo, em um bilhete de cassino, em uma folha de hotel, em um bilhete de ônibus, em um guardanapo percam o sentido. Afinal, os detalhes são deixados de lado, assim perde-se a essência e a beleza que o manuscrito nos oferece. Não desvalorizo em momento algum as redes sociais, os meios de comunicação, mas sem a essência da criação e o mergulho na imaginação, o processo de criação pode passar despercebido.

Da primeira redação deste soneto, em 1996, até a última publicação, em 2015, foram quase 20 anos de envolvimento e de muita dedicação a um soneto. Trabalho fácil? Não, porém gratificante.

3 - “Nas Nossas Diferenças”, Verso Por Verso

Observando o pedacinho de papel, $\frac{1}{4}$ de uma folha A-4, em que começou a escrever, qualquer um diria que nada seria aproveitado daquela escrita em “hebraico”, “árabe”. Letra ilegível, parecia escrito em outro alfabeto. Ausência quase total de pontuação, apenas 2 pontos de interrogação, o que nos leva a supor que alguém foi questionado, ou o próprio poeta se questiona. Questiona quem? Por quê? Quem ou o que seria o alvo dos questionamentos? Temos também um ponto final. Seria a conclusão do trabalho do poeta?

Considerando-se a letra, o emprego de 2 sinais de pontuação, pode-se deduzir que o poeta o escreveu rapidamente e que o trabalho não foi difícil, pois o soneto nasceu muito próximo da sua forma ideal, e com sua estrutura definida. Dos 14 versos, nada menos que 10 são perfeitos decassílabos, e 4 deles já na expressão definitiva, como veremos na análise verso a verso. Deve ter sido o soneto mais fácil de escrever dentre todos os 269 do livro, apesar do ambiente e do papel.

Em D-2, que é o documento 7, mencionei os diferentes números que o título do soneto

recebe:

SONETO DE CONFRONTAÇÃO - ~~XXX~~

(1)

Provavelmente, indicam primeiro a posição ele que ocupará dentro da série na hora em que foi escrito. Depois, numa reorganização da série, o autor acha melhor trocar as posições e o soneto recebe outra numeração, de acordo com o novo lugar que passa a ocupar, até chegar a uma numeração definitiva, na última publicação. Não será I, mas II.

Em anexo, ao final da análise, para comprovação, apresento apenas M-1 e M-2, M-1a, M-2a, T-1, T-2, D-1 e D-2, inserindo no texto recortes das principais emendas. Além de P-3, na abertura deste ensaio, retirado da página do poeta no Facebook.

1º VERSO

O 1º verso (“Musa porque, se somos complementos”) é um dos 4 que já brotaram na expressão definitiva em M-1:

Musa porque, se somos complementos,

M-1 apresenta muitas dificuldades de leitura, assim como M-2. Porém, é possível verificar que ele já nasce quase pronto. Em M-2, o poeta apenas acrescenta vírgula depois do vocativo “Musa”, separa o “porque”, pois é um pronome interrogativo, e acrescenta outra vírgula depois de “complementos”, no final do verso.

E assim, em D-1, o verso assume a sua forma final, com as quebras que substituem as vírgulas:

*Musa
por que
se somos complementos*

2º VERSO

Em M-1 já é possível se ter uma ideia do questionamento do protagonista e a quem ele se destina, com o objetivo de se esclarecer. E formula a pergunta interrompida pela condicional no verso anterior: por que “eu dou tanta importância a uma transa”?, substituída por “ato de sexo”, de significação mais implícita, suavizando a expressão “transa”, que é sobrecarregada e pode não abarcar a totalidade de sentidos que se deseja transmitir:

*eu dou tanta importância a uma transa? ato de sexo
no ...*

O protagonista, até o momento, questiona a Musa sobre a condenação que supostamente ele julga

viver, por não saber suportar ou administrar os seus instintos sexuais.

Em D-1, o verso sofre nova rasura:

3
faço do sexo o sumo ~~desta vida~~ a sùmula da vida

e passa a “faço do sexo o sumo desta vida”, logo retocada para “a sùmula da vida”. O “sumo” indica apenas a essência, enquanto a “sùmula” é uma síntese, compreendendo também a essência. É a forma final em P-3:

faço
do sexo
a sùmula da vida

3º VERSO

Em M-1, o protagonista começa a definir sua exagerada atitude em relação ao sexo, “ao ponto de querer transar com todas”, exacerbada em M-2 ao ponto de, mesmo “com uma / querer outras”:

ao ponto de querer transar com todas
com uma / querer outras

Essa atitude é ainda intensificada em D-1: ele não se contenta em “querer”, pois rasura este verbo, que expressa apenas um desejo, para “buscar”, que expressa uma ação. Mas faz uma redução dessa busca, desistindo de “todas”, contentando-se apenas com “outras”, mas logo depois restaura o “todas”.

No final dessa hesitação, faz outra redução, limitando-se agora a “provar” o sexo, ainda que “em todas”:

ao ponto de provar o sexo em todas
com uma / querer outras

Em nenhum momento o sexo é entendido no sentido romântico da palavra, mas como ato, ação do momento, impulso, instinto animalesco. Na forma definitiva, sem quebra:

ao ponto de querer prová-lo em todas

4º VERSO

Este é o verso mais retocado de todo o soneto, com muitas sutis emendas. Começa em M-1 de maneira bem distinta do final: “e não admitir que ela tenha outro”, com variante de “tolerar”, mas sem rasura. É uma continuação sintática do anterior, pois a conjunção “e” adiciona uma informação ao comportamento do protagonista, isto é, de que ele, além de querer “provar” o sexo “em todas”, veta, proíbe, impede que a amante tenha “outro”, restringindo o desejo e o ato apenas a

ele em companhia de terceiras. Agora, de forma concreta, passamos a lidar com 5 personagens distintas: o protagonista, a Musa, a amante, as outras e esse oculto rival.

Ainda em M-1, sem rasurar, ele emenda o verso para “e de vetar um outro para ela”, que permanece em M-2. Mas em D-1 temos uma abundância de emendas:

Ele rasura o objeto direto do veto, elimina a figura desse “outro”, muito explícita e, numa primeira emenda, continua com o indireto reto “a ela”, permutado sem rasura para o oblíquo “lhe”, e introduz o novo objeto direto do veto, substituindo o indivíduo por um ato: agora o que ele veta a ela é “a extra fantasia”. Mas esta é rasurada por “o gesto extra”, que também é permutado sem rasura por “passo”, que evidentemente é aquela “transa” com aquele “outro”, justamente o que ele quer, mas apenas para ele, não para ela.

Mas em D-2 ele indetermina esse “passo”, trocando o definido “o” pelo indefinido “um”, e temos então o verso definitivo, com ponto e vírgula e também sem quebras:

e de vetar a ela um passo extra;

5º VERSO

É o 1º dos 2 únicos versos que não brotaram já na forma do decassílabo e um dos mais emendados. Ele introduz a atitude da amante, na visão do protagonista, mas começa em M-1 de maneira muito indecisa: “E ela, sendo”. Segue-se uma palavra tão ilegível que nem o próprio poeta conseguiu decifrá-la, 20 anos depois de escrita, nem com ampliação em xerox. Talvez *sendo* assim tão *valorizada*:

Escreve acima “mesmo (...) as diferenças”, com a alternativa “estes juízos”, depois “ideias”, e abandona todas essas expressões.

Essa hipótese de leitura é retirada de M-2: “e ela, mesmo sabendo estes caprichos”, emendado em D-1 para “torturas”, rasurado para “neurose”, já com a quebra do verso:

O protagonista já não mais entende os seus instintos animais como “tortura”, não considera seus impulsos e seus desejos, mesmo que sejam motivos de sofrimento, angústia e tormento ao seu espírito, como tortura. Neurose se adéqua à nova redação porque ele revela, desde o início do soneto, que tem alguém que o completa, mas – mesmo assim – busca realizações em

outras mulheres e tenta manter o domínio da situação, a ponto de “vetar” qualquer passo a mais dado pela amante. Eu nomearia essa postura como “neurose narcísica”, isto é, pulsões voltadas apenas para o ego. Segundo Freud (1914/1969: p.101), as neuroses têm estrita relação com o represamento da libido.¹

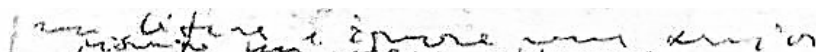
D-1 trazia o recurso catafórico “estas” no plural que acompanhava o elemento descritivo seguinte “torturas”. Ao realizar a troca entre “torturas”, no plural, para “neurose”, no singular, o elemento catafórico também foi alterado para manter a concordância entre as palavras. Até a P-3, o verso não sofreu nenhuma emenda ou rasura, apenas mudanças estruturais.

Foi uma grande oscilação do poeta, em busca da expressão exata: primeiro “diferenças”, depois “juízos”, depois “ideias”, depois “caprichos”, depois “torturas” e finalmente “neurose”:

*e ela
mesmo sabendo esta neurose*

6º VERSO

É o 2º verso que já brota pronto em M-1: “me libera e ignora meus desvios”. Nenhuma emenda ou rasura:



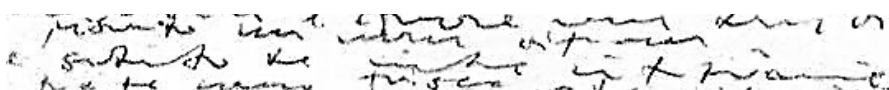
Ele realça a oposição entre as atitudes dos parceiros: ao contrário da “intolerância” dele, que não admite “um passo extra” dela, ela “tolera” o dele, e “ignora” todos os seus desvios. Isso, na suposição dele.

Apenas em P-1 o verso recebe a quebra:

*me libera
e ignora meus desvios*

7º VERSO

Este verso surge em M-1 com a explicitação da radical posição do protagonista: “e sabendo da minha intolerância”. No exíguo espaço acima, ele despreza esse individualismo, sem rasurar, troca o estado (“sabendo”) por uma ação (“pisando”), e inclui a amante, reportando-se a algo essencial aos dois. Ao invés de falar apenas da sua “intolerância”, fala das “diferenças” entre eles:



O verso fica “e pisando nas nossas diferenças”, que é a expressão definitiva. Logo em D-1 recebe a quebra, na forma final:

e

¹ FREUD, Sigmund. *Narcisismo: uma introdução*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v.XIV. Imago: Rio de Janeiro, 1969.

*pisando nas nossas diferenças***8º VERSO)**

O verso começa em M-1 com uma interrogação que reafirma as diferenças realçadas no anterior, e contesta o pensamento da amante, mas que seria completamente abandonada: “supõe que pode ser da mesma forma?”. No mesmo exíguo espaço acima, assume outra redação, mantendo apenas a ideia e a locução interrogativa: “trata como faísca esta fogueira?”.

Apenas em D-2 receberá uma emenda:

À direita, no canto superior, grafada numa posição distante do local onde poderia ter sido feita, seguida por um traço vertical, lemos o substantivo feminino “fagulha” que substituiu “faísca”, rasurada com uma barra. O substantivo *faísca* é sinônimo do substantivo *fagulha*. Se são sinônimas, a troca não faria tanto sentido. Todavia, “fagulha” transmite a ideia de diminutivo, de ser menor que uma “faísca” que, mesmo pequena, continua acesa – em sentido figurado – comparada à luz. Com qualquer uma das duas palavras, realça-se o contraste com “fogueira”, introduzindo a ideia de que o envolvimento com um terceiro não é algo banal. Não é uma simples “faísca”, que apenas roça de leve a pele; é uma fogueira que pode incinerar a relação. Além disso, a troca se fundamenta também pela expressiva aliteração do /g/ gutural, nas sílabas tônicas “gu”/“guei” de “fagulha” e “fogueira”.

As permutas intensificam o descaso e a decepção do protagonista com a indiferença da amante diante de sua realidade, na forma final, com as quebras do verso apenas em P-3:

trata
como faísca
esta fogueira?

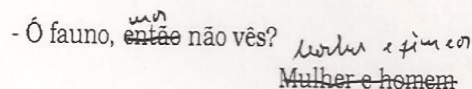
9º VERSO

Este verso introduz a resposta da Musa. Em M-1, preservado em M-2, ela começa com uma provocação: “Poeta, mas não vês? Eles e elas” – e exhibirá sua posição nos versos seguintes, até o final do soneto. Isso pode indicar que o poeta se satisfaz com a resposta da Musa, que concordou em tudo com ela, o que confirma sua condição de portadora da Sabedoria.

Em D-1, temos as primeiras emendas:

O vocativo “Poeta”, símbolo de cultura e intelectualidade, cedeu lugar ao vocativo “fauno”, indivíduo lúbrico – escrito em letra minúscula – propositalmente pensado para diminuir a figura do homem (macho) a quem ela (Musa) se refere, antecedido da interjeição “Ó”. A conjunção adversativa “mas” foi permutada por “então”, sem sofrer nenhum prejuízo semântico. Os pronomes pessoais de terceira pessoa do plural “eles”/“elas” – com sentido vago – também foram substituídos por dois substantivos: “Mulheres / Homens, separados por uma barra – apenas uma distinção social – unidos depois pela conjunção aditiva “e”, para mostrar que, mesmo com a troca, a referência continua a ser feita para os dois sexos num sentido vago e social.

Em D-2, temos outras emendas:



- Ó fauno, ^{mulher e homem} então não vês?
Mulher e homem

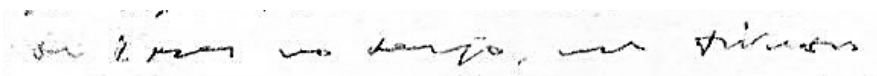
Primeiramente, a conjunção adversativa “mas”, que fora substituída pelo enfático “então” (com valor adversativo) foi reintroduzida no verso. Os substantivos “Mulheres e Homens” aparecem no singular mas sofreram uma rasura para que uma nova mudança fosse feita: “Machos e fêmeas”, distinção de gênero (carnal, sexo/prazer/animal). Os substantivos retornam do singular para o plural e as expressões “machos e fêmeas” completaram o verso de forma a atribuir-lhe o sentido transmitido desde o seu início: o poeta dialoga com sua Musa em busca de respostas para as suas inquietações mais íntimas, por não ser capaz de – como falamos em machos e fêmeas, o que me lembra animal, usarei esta expressão – *domar* os seus instintos; sexo selvagem, por mero prazer, sem nenhum comprometimento ou envolvimento mais profundo, sem qualquer vínculo ou laço afetivo, apenas satisfação imediata do prazer, o que Freud nomeia de “Princípio do Prazer”, desejo de gratificação imediata.¹

E temos então o verso na sua forma definitiva:

– Ó fauno,
mas não vês? Machos e fêmeas

10º VERSO

É o 3º verso (“são iguais no desejo, mas diversos”) que não sofre nenhuma emenda ou rasura:



são iguais no desejo, mas diversos

Já surge em M-1 na sua expressão definitiva. Apenas recebe o sinal gráfico da quebra em D-

¹ SIGMUND, Freud. *Escritores criativos e devaneios*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v.9. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

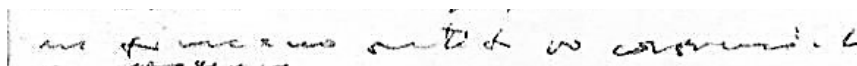
1, no lugar da vírgula:

são iguais no desejo

mas diversos

11º VERSO

É o 4º verso que já nasceu na expressão definitiva:



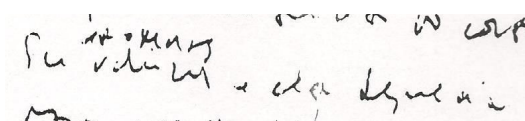
Não recebeu nenhuma emenda: “Na forma e no sentido ao consumá-lo”. As únicas mudanças foram o acréscimo de ponto em M-2, dois pontos em D-1 e a quebra em P-1, renunciando a explicação das diferenças existentes, nos versos finais, entre machos e fêmeas no que diz respeito ao ato sexual:

na forma e no sentido

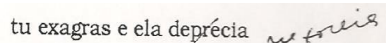
ao consumá-lo:

12º VERSO

Este verso sofrerá emendas nos seus dois verbos:



O “Tu valorizas e ela deprecia” da 1ª redação se transforma em “exag[e]ras” (sem correção) ainda em M-1 e em “negaceia” em D-2:



O verbo *depreciar* recebeu uma leve barra para marcar sua alteração que veio logo à frente, “negaceia”. Uma antítese é estabelecida entre o desejo da fêmea e o desejo do macho. *Depreciar* tem o sentido de menosprezar, rebaixar, reduzir o valor do sexo, enquanto *negacear* tem o sentido de negação, de não conceder, de recusar. Ela agora não menospreza, mas nega o sexo, porque o avaliou no comportamento de “fauno”: ele “exagera” – não tem limites, é excessivo, desmedido. E assim permaneceu, sem quebra:

tu exageras e ela negaceia

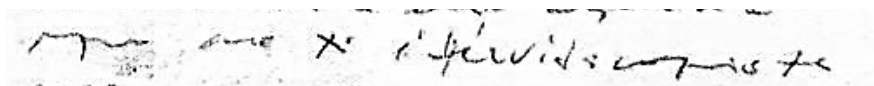
13º VERSO

Como na tradição, o poeta começou o soneto pela chave de ouro, com o esboço do dístico conclusivo, que será invertido no final.

Este verso introduz a explicação da Musa para a diferença de comportamento do macho e da

fêmea, o exagero dele e o negaceio dela, definidos no anterior. Mas começa em M-1 com fala do poeta: “e para ti é uma conquista”, com a conjunção “e” acrescentando a atitude referente ao macho.

Em M-2, ele transfere a fala para a Musa, e a aditiva “e” é substituída pela explicativa “porque”, pela inversão das posições dos versos. A musa explica: “porque a ti é férvida conquista”, trocando a preposição “a” por “pra”:



A síncope que produziu o “pra” foi utilizada para manter a metrificação do verso. Caso fosse “para”, outras alterações seriam necessárias para compor o decassílabo.

Para a P-3, o adjetivo “férvida” (quente, abrasador), corpo em chamas, foi permutado para “límpida”, agora de forma eletrônica, antes de sua publicação, pois não há registro da emenda. Em seu sentido figurado pode ser entendido como clareza e lucidez no ato. Já no sentido real, como nítido, claro, puro e transparente. O que mostra que o macho tem plena consciência de sua atitude e quer aventura-se, provar o sexo em todas que permitirem.

O verso recebe quebras em D-1 e vírgula em P-3:

porque
pra ti
é límpida conquista,

14º VERSO

O último verso conclui a resposta da Musa, apresentando sua explicação agora para o comportamento da fêmea. Como no verso anterior, também começa em M-1 com fala do poeta: “para ela é apenas uma doação”, rasurado o advérbio “apenas” pelo adjetivo “simples”. Na sequência da redação, introduz uma adversativa: “mas para ela uma simples doação”.

É o outro dos 2 versos que não brotaram já na forma do decassílabo, nem nas duas formulações primitivas nem nesta terceira. Esta tem 12 sílabas, uma distorção que será corrigida em M-2: “porém a ela simples doação”.

Em D-1, o verso recebe as quebras e em D-2 uma nova emenda, permutando o adjetivo “simples” por “doce”:

porém
pra ela
~~simples~~ doação.
doce

Contradições são estabelecidas entre as condições do macho e da fêmea, o que é verificado pela conjunção adversativa “porém”. “Simples”, por apresentar sentido vago, foi substituído por “doce”, em sentido positivo e valorativo.

Mas a fêmea, diante da situação, reluta, hesita – pois ainda não sabe se o sentimento e o sexo podem ser realmente motivo “doce” de doação para ela, isto é, positivo, diante de tudo o que ela pôde avaliar. É o que se expressa em P-3, como ocorrera com o verso anterior, para as publicações: outra emenda sem registro, na mudança de “doce” para “dúbia”.

porém
pra ela
dúbia doação.

4 – Considerações Finais

Confesso que foi um desafio realizar a crítica genética do Soneto de confrontação “Nas nossas diferenças”, mas a sensação de dever cumprido é indescritível, mistura de satisfação, alegria, encantamento e realização. Falo *cumprido* porque consegui corresponder ao que foi proposto neste trabalho. Adentrar no universo literário não é missão fácil, imagine analisar um soneto e fazer uma crítica genética, em que nada pode escapar, os detalhes são as nossas pistas. Senti-me como um detetive, um cão farejador em busca de algo novo, de alguma descoberta que mudasse totalmente a análise do soneto.

Depois de não fazer parte de uma série de publicações de Pedro Lyra, o Soneto de confrontação “Nas nossas diferenças” fará parte da nova edição de *Desafio*, deixada pronta pelo poeta para publicação. É importante dizer que, em tempos de tecnologia e avanço das informações, a literatura – diferente do que muitos acreditavam que aconteceria – só ganhou espaço, não perdeu em nenhum momento. Os meios eletrônicos, de certa forma, substituíram as bibliotecas. A P-5, publicada na página do autor no Facebook, recebeu mais de 500 visualizações até o momento, o que é um enorme ganho para a literatura, pois ampliou seus horizontes e possibilitou o seu acesso a diversos públicos e leitores ao mesmo tempo. E agora também no YouTube.

Referências Bibliográficas

- LYRA, Pedro. **Desafio – Uma poética do amor**. Fortaleza/Rio de Janeiro, Ed.UFC/Topbooks, 2001. p.121.
- SIGMUND, Freud. Escritores criativos e devaneios [1908] in Edição Standard Brasileira das **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 9. Rio de Janeiro, Imago, 1974.
- _____. (1914). **Narcisismo: uma introdução**. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIV. Imago: Rio de Janeiro, 1969.

